

ALQUIMIA



*No final a borboleta
alça voo!*

SILVIA R. PELLEGRINO

ALQUIMIA

Silvia R. Pellegrino

3ª. Edição 2018

Direitos autorais

Copyright ©2015 – Todos os direitos reservados a:
Silvia Regina Pellegrino Freitas da Rocha
Pseudônimo Silvia R. Pellegrino

3ª Edição - mês de 2018

Editora Clube dos Autores

(<https://www.facebook.com/livroalquimia>)
Vendas: Clube dos Autores

Sumário

1 . SOLTANDO AS AMARRAS	5
2.PAI JOAQUIM.....	38
3. SORVER DO NÉCTAR DA VIDA	75
4. A DESCOBERTA.....	122
5. SUTIS MUDANÇAS	164
6. DURA TRAVESSIA	228
7. O REENCONTRO	278

1 . SOLTANDO AS AMARRAS

A tarde estava chuvosa e Natália dirigia o carro cuidadosamente. Sentia-se apreensiva com os últimos acontecimentos.

Sua cabeça enuviava-se com inúmeros problemas. Estava prestes a expor seus quadros pela primeira vez. Sentia uma curiosidade quase física de saber com antecedência se aquele era seu real caminho, se teria sucesso, se a mídia daria cobertura à exposição, se a crítica especializada aprovaria seu trabalho, enfim... eram tantos "ses". Todos os questionamentos que um artista iniciante deve se fazer ao estar próximo da estreia.

Pelo seu pensamento perpassaram pedaços de sua história de vida.

Havia posto um ponto final em uma carreira, algum tempo atrás, que mal começara e já se extinguiu. Sua dedicação exclusiva agora seria para sua arte.

Sempre sonhara ser uma pintora. Seu caminho, porém, fora muito mais árduo do que a dedicação à arte. Vinha de uma família de sete irmãos, que ficaram órfãos de mãe muito cedo. O pai casara-se novamente e abandonara os filhos à própria sorte. Como era a terceira dos mais velhos viu-se na contingência de auxiliar os outros dois no sustento dos irmãos mais novos. Sabia que seu irmão mais velho, Sérgio Franco Castelli, também era um artista,

um artesão mais precisamente, e admirava-o pela sua força em ter assumido a família.

Lembrou-se da figura do irmão. Um homem alto, extremamente magro, os ombros levemente côncavos, os cabelos muito lisos e claros, mas com um olhar extremamente bondoso. Era bom saber que tinham se reencontrado.

Voltou a pensar em sua história. Com treze anos já era balconista de uma loja de bugigangas, enquanto cursava o secundário no turno da noite, no colégio público da pequena cidade de Salto, estado de São Paulo.

Aos quinze anos um dos clientes da loja a empregou na fábrica de laminados da cidade, a Eucatex, como auxiliar de escritório.

Continuou seus estudos no turno da noite até formar-se na faculdade, quando então conheceu os advogados da firma curitibana que a convidaram para visitar a cidade e posteriormente engajar-se em seus quadros.

Com os irmãos praticamente encaminhados, resolveu seguir seu caminho e, quem sabe, auxiliá-los mais, após sua melhoria no campo profissional.

Despediu-se de sua terra natal aos vinte e três anos para não voltar mais.

Sua vida profissional tomou um impulso como sequer ela imaginara pudesse acontecer.

Inicialmente ao seu engajamento nos quadros daquele escritório sentia-se tímida e sem ousadia para enfrentar as dificuldades que foram se delineando,

mas com o passar do tempo aquilo foi se tornando passado e sua capacidade profissional foi aparecendo lentamente. Transformou-se numa pessoa segura de si e demonstrou todo seu tirocínio para a profissão.

Os casos designados sob sua responsabilidade foram sendo vencidos um a um. Quando eventualmente se deparava com a impossibilidade de vencer tentava, quase sempre com sucesso, encaminhá-los para um acordo.

Imprimira, nessa caminhada, praticamente toda a sua energia.

Porém, sua vida teve mudanças substanciais ao longo dessa caminhada e isso começou a ocorrer quando um dos colegas do escritório comentou sobre um caso de separação judicial que estava atendendo. A separação seria amigável e ele já preparara toda a documentação e a respectiva petição que fora assinada por ambos, somente necessitando homologação judicial.

No dia anterior à audiência, Rogério tivera um problema sério com a esposa e não poderia comparecer. Entrou angustiada na sala de Natália e falando apressadamente explicou suas dificuldades, pedindo à colega que o substituísse na audiência.

– Mas Rogério essa não é a minha área. Só entendo de financeiro, comercial e falimentar. – Tentou contestar Natália. Afinal ela nada entendia de Direito de Família.

– Não há o que se preocupar, Natália. Basta acompanhá-los. A audiência é de mera homologação do acordo já firmado por ambos. O juiz talvez resolva

conversar com eles, como é de praxe, mas nada acontecerá. Eles já estão decididos. — Rogério falava comedidamente, tentando explicar a Natália que não havia motivos para preocupações, apenas era necessário o acompanhamento de um profissional. Natália, percebendo a angústia do rapaz, condescendeu, finalmente.

Preparou-se para enfrentar alguma intransigência do casal ao se deparar com outro advogado, mas apenas a mulher questionou:

— Não será Dr. Rogério a nos acompanhar?

— Não, senhora. Ele teve um imprevisto com a esposa e precisou atendê-la. Espero que isso não os preocupe. A mulher não respondeu e seguiu em frente, como a dizer que não tinha tempo a perder.

Natália apressou-se em dar as instruções necessárias para chegarem ao seu destino.

Foram para o Fórum, cada qual em seu carro.

A audiência durou o suficiente para o juiz se convencer de que ambos estavam convictos daquela decisão. O magistrado simplesmente homologou o acordo, previamente pactuado, e encerrou a audiência dizendo que dali a quinze dias, após a publicação daquele ato, estariam formalmente separados.

Saíram do edifício, já mais relaxados.

A mulher despediu-se, dizendo que depois procuraria por Dr. Rogério no escritório.

Carlos Eduardo, o ex-marido, desculpou-se pela atitude da ex-mulher, explicando que ela devia estar

nervosa, daí aquela forma um tanto abrupta de se retirar.

– Agradeço sua disposição em nos atender, doutora. Sei perfeitamente que Dr. Rogério poderia ter transferido esta audiência para outra hora, quando não houvesse qualquer atrapalho a perturbá-lo. Talvez devêssemos falar sobre seus honorários...

– Em hipótese alguma. – Retrucou Natália, com certa rispidez. Afinal ela estava apenas fazendo um favor ao colega e nem pensara em honorários.

– Desculpe doutora. Não pretendi ofendê-la.

– Sei que não, senhor. Não se preocupe. Eu apenas estou prestando um favor a um colega. Apenas, isto. Carlos Eduardo sorriu para ela envergonhado e educadamente se despediu, dizendo que telefonaria outra hora para Dr. Rogério.

Natália seguiu para seu carro com a rapidez de sempre, quando estava trabalhando. Muitos casos com farta documentação a serem estudados.

O dia transcorreu tumultuado no escritório. O amontoado de casos sem atendimento imediato estava virando rotina. A carteira de clientes havia aumentado imensamente, mas os sócios do escritório não achavam conveniente empregar mais qualquer profissional.

Natália, quando viu entrar o Office boy, trazendo a documentação para mais um caso, que ficaria aguardando sobre sua mesa até o momento que ela pudesse desvencilhar-se de outros, deu de ombros com certo cansaço.

Seu instrumento de trabalho era o intelecto. Se ele estava esgotado diante da sobrecarga a que estava premido, não poderia logicamente render mais.

Ainda ficou no escritório, até às 21 horas, estudando um caso novo, que recebera no início da semana. Era sobre o leasing de uma frota de caminhões, vinte ao todo, feito na época do Plano Collor. A empresa estava enlouquecida para pagar o empréstimo ao banco fornecedor do leasing. Os juros chegaram a índices estratosféricos.

Levantou-se da cadeira espreguiçando. Suas costas doíam, sua cabeça latejava e o cansaço tomava conta do seu cérebro. Precisava descansar. Foi para casa.

Enquanto guiava o carro deixou o pensamento fluir. Lembrou-se de sua casa vazia. Com muita frequência sentia-se sozinha, ultimamente. Pensou naquele casal que estava se separando. Sentiu pena de um casamento terminar assim, depois de quinze anos de união. O rosto daquele homem veio à sua mente. Seus gestos, aquela forma educada de se dirigir a ela, ao juiz, à própria mulher, pareceu-lhe ser uma pessoa educada, de bom caráter e boa índole.

Sentiu-se ridícula ao perceber que estava pensando num estranho, naqueles termos.

Espantou aqueles pensamentos tolos, virou a esquina e entrou na garagem do prédio.

Subiria, tomaria um bom banho, comeria qualquer coisa e se recolheria. Terminaria aquele livro que iniciara e sempre punha de lado por causa do cansaço.

Entrou em casa e sentiu-se mais só do que sempre. Irritou-se de estar se sentindo assim. Talvez o fato de aqueles dois idiotas terem se separado, ou quem sabe o fato de ter sido ela a acompanhá-los, tivesse mexido com seu psiquismo.

Tomou um banho rápido. Olhou a geladeira, pegou um copo de leite, tomou. Foi até o quarto, olhou o livro e desistiu de ler. Deitou e dormiu o sono dos justos.

No dia seguinte o escritório estava mais tumultuado do que nunca. Alguns advogados resolveram requerer uma reunião com os sócios proprietários. Ao que tudo indicava não era apenas ela a estar sobrecarregada e exausta. Todos estavam exaustos e estafados com o excesso de serviços. Irritados, queriam uma solução urgente e viável para aquela situação. Não aceitavam sequer um aumento de honorários. Diziam não ter condições físicas, nem intelectuais, para assumir novos casos.

Após uma discussão de duas horas e meia os advogados proprietários aceitaram a argumentação e propuseram a contratação de três estagiários, quintanistas, que viessem a auxiliar os mais assoberbados: Natália com financeiro, comercial e falimentar; Murilo com trabalhista e previdenciário e André, que atendia as áreas cível, administrativa e constitucional.

Com essa possibilidade cada um voltou às suas salas. Estavam mais aliviados e esperançosos. Talvez

pudessem realmente produzir um trabalho de melhor qualidade, dali em diante.

Ao entrar em sua sala, Natália não acreditou em seus olhos. Havia um ramallete de flores de todos os matizes e espécies sobre sua mesa. Pegou o cartão com seu nome e, assustada, ainda sem acreditar que era para ela, abriu-o lentamente.

“Quero me desculpar pela gafe de ontem e agradecê-la novamente pela sua gentileza em nos acompanhar até o Fórum. Gostaria de convidá-la para almoçarmos hoje. Ligue-me, caso aceite. Meu telefone...”.
Assinado, Carlos Eduardo Souza Alencar.

Continuava a não acreditar naquilo. Jamais recebera uma flor ou um telefonema de qualquer homem. Sua vida fora dedicada inicialmente aos irmãos, depois integralmente à sua carreira. Não tivera, nem se dera chance de se interessar por alguém. E agora, com trinta anos, um homem, completamente estranho, resolvia convidá-la para almoçar e, mais, pedia que ela telefonasse para confirmar o convite.

Suas pernas pareciam geleia ao se imaginar ligando para um estranho e confirmando um almoço.

O relógio de mesa marcava onze horas e dez minutos. Caso fosse aceitar aquele convite, precisava ligar, confirmando.

Encostou-se ao telefone e ele queimava sob sua mão. Suava frio ao imaginar aquele homem atendendo do outro lado da linha. Ainda estava neste

combate interior, quando o telefone tocou e a secretária informou:

– Dra. Natália, o Sr. Carlos Eduardo Souza Alencar na linha dois, a senhora atende?

Natália engoliu em seco e respondeu, se controlando:

– Pode passar a ligação, Marisa.

– Bom dia, Sr. Carlos Eduardo. Eu estava prestes a ligar para o senhor...

– Que bom Dra. Natália. Então estou perdoado pela gafe de ontem?

– É claro que sim. Eu já lhe havia dito que não tinha importância...

– Não, ao contrário senti-me repreendido como um garoto, quando a senhora me disse que estava apenas prestando um favor a um colega. E, depois, deve pelo menos me permitir oferecer-lhe um almoço, como agradecimento pela sua disposição em nos ajudar.

– Oh! Não tive intenção de fazê-lo sentir-se repreendido, por favor. Apenas queria explicar-lhe que nada me devia...

– Bem, neste caso, para que possamos selar um pacto de paz deve me permitir levá-la para almoçar.

Natália, diante desse argumento, capitulou. Aquele homem conseguia, com a sua gentileza e educação, derrubar todas as suas barreiras.

– Passo aí em quinze minutos. Gostaria de levá-la ao Tartine. É um restaurante agradabilíssimo. Tenho certeza de que vai gostar. Até já.

Natália desceu. Preferia aguardá-lo na entrada do prédio.

Viu-o encostar o carro.

Entrou na BMW e o interior do carro exalava perfume pessoal misturado a um agradável cheiro de fumo para cachimbos.

O veículo rodava tranquilo pela Avenida Visconde de Guarapuava, onde se viam os enormes prédios residenciais. Alguns mantinham belos gerânios nas sacadas, um pouco castigados pelas chuvas contínuas dos últimos dias.

Natália, de fato, adorou o ambiente do restaurante. Como estava um dia chuvoso e frio, apesar de ainda estarem em maio, haviam acendido a lareira e o ambiente ficava muito aconchegante.

Durante o almoço já estavam conversando animadamente e se chamando de você.

Ele havia dito para Natália que era dono de uma financeira, juntamente com mais dois amigos. Falou sobre a alta dos juros e a dificuldade dos clientes em pagar os empréstimos levantados. Ela lhe confidenciou o caso da frota de caminhões e o empréstimo impagável. Sua batalha em achar uma saída jurídica que satisfizesse seu cliente e o permitisse quitar a dívida, junto ao banco.

Ambos chegaram à conclusão que o Governo precisava "puxar" os juros para baixo. Questionaram algumas tomadas de decisão governamentais, sobre o papel do Brasil no cenário mundial, até que perceberam que estavam perto das duas horas da tarde e ambos tinham compromissos marcados para após o almoço. Saíram do restaurante e Carlos

Eduardo insistiu para levá-la ao escritório, na Rua Cândido de Abreu.

Despediram-se e ficaram de se ligar num outro dia.

Natália entrou em sua sala onde já a aguardava Dr. Ricardo, um dos sócios do escritório, acompanhado por um rapaz de uns vinte e três anos, aproximadamente. Era o estagiário que iria auxiliá-la dali em diante.

Foram feitas as apresentações oficiais e Dr. Ricardo deixou-os a sós.

De início, Natália percebeu que Alexandre era um rapaz tímido. Lembrou-se de si mesma, quando viera trabalhar no escritório.

Começou a falar sobre os processos sob sua responsabilidade e, a cada caso que apresentava a Alexandre, podia perceber seu conhecimento na área. Sua perspicácia natural fê-la depreender que ele seria ótimo profissional dentro do escritório, mas, no campo, talvez precisasse estimulá-lo a se soltar e desenvolver-se. Isso não a preocupava, teriam tempo suficiente para isso.

Comentou o caso que a estava preocupando mais, ultimamente, o leasing da frota de caminhões.

Ficou entusiasmada com as questões levantadas por Alexandre.

Precisavam estudar com mais cuidado aquele assunto e, provavelmente, tivessem sucesso ao burilar uma tese e apresentá-la no processo.

Passou ao rapaz alguns casos de menor indagação, que tinha a certeza seriam rapidamente

desenvolvidos por ele e a desafogariam. Pediu que estudassem juntos, o caso do leasing. Que ele pesquisasse melhor o assunto e lhe trouxesse subsídios.

A seguir debruçou-se sobre o caso de pedido de falência da firma Microlar S.A.. Precisava salvar a empresa. O proprietário era um homem esforçado e trabalhador. Os planos governamentais e suas mudanças bruscas de política financeira e econômica conseguiram derrubá-lo, apesar de todo o seu trabalho e eficiência. Era uma pena que isto estivesse acontecendo no país. As pequenas e médias empresas estavam sofrendo enormemente com as mudanças bruscas e os famosos "pacotes" que os últimos Governos vinham apresentando. O empresário brasileiro precisava ser um mago da economia para manter-se vivo no mercado.

O dia do escritório transcorreu sem grandes sobressaltos e a ajuda de Alexandre foi de grande importância para Natália, que pôde dar-se ao luxo de sair às dezenove horas do escritório, naquele dia.

Quando Natália entrou em seu apartamento naquela noite sentia uma alegria não experimentada há muito tempo. Seu dia fora proveitoso. Conhecera uma pessoa nova e extremamente agradável. Tinha um estagiário intelectualmente bem dotado e estudioso. Poderia sair mais cedo do escritório e, quem sabe, eventualmente ter um amigo inteligente e espirituoso que não era do seu meio, para conversar, trocar ideias e sair. Sua vida estava saindo da mesmice.

Os dias transcorriam mais tranquilos para Natália, desde a chegada de Alexandre no escritório.

Solicitara, do pessoal de administração, que providenciassem a sala ao lado da sua, onde anteriormente se recolhia para estudar os processos com mais tranquilidade, para escritório de Alexandre. Assim ambos teriam certa privacidade, tão necessária na profissão deles, o que não evitava que Alexandre a procurasse com frequência para discutirem os casos mais complicados.

Natália sentia-se feliz e menos sobrecarregada, porém se perguntava interiormente o que acontecera com Carlos Eduardo, que após dois meses não a procurara e sequer lhe dera um telefonema.

Estava a sós com seus botões, ainda questionando o comportamento de Carlos Eduardo, quando Murilo irrompeu pela sala adentro, falando pelos cotovelos e, afinal, fazendo-se entender.

Era aniversário de Regina Escobar, também sócia do escritório e mulher de Dr. Ricardo.

– Todos estão comprando presentes para ela. Você não vai comprar alguma coisa, Natália? – Questionou Murilo, todo excitado com a possibilidade de alguma reunião festiva no escritório e, claro, poder fugir um pouco do serviço.

– Não sei o que comprar... Nem mesmo sei aonde poderia comprar alguma coisa... – Falou Natália, com ar pensativo e completamente indeciso.

– Ora, isso é fácil. Vá até o shopping Müller e compre um perfume francês. Mulher não gosta de

perfume? Principalmente Dra. Regina, que é uma mulher tão refinada e elegante. Isto! Perfume francês! É isto que você deve comprar para ela. Vamos! Vá até o Müller. Eu aviso a Marisa para não passar suas ligações e informar aos clientes que você está numa audiência. — Falou Murilo, incentivando Natália a sair e comprar o presente. Murilo era um homem que não aparentava seus vinte e oito anos, ainda solteiro e que gostava de movimento e da vida.

A vida para Murilo era uma eterna festa. Gostava de levar as namoradas ao escritório e, cada vez, aparecia com uma diferente. Porém, era um excelente profissional em sua área.

Notando que Natália não se mexia do lugar.

— Natália não vá dizer que você não sabe comprar um perfume? Ou quem sabe precisa de companhia para ir até o shopping?

— Talvez uma companhia... — Falou Natália, mais para si mesma.

— Eu não acredito no que estou ouvindo, mas vá lá, eu lhe faço companhia. Vamos até lá. — Dizendo isso, foi pegando no braço dela e colocando a bolsa em sua mão.

Natália, que não esperava por essa reação, levou um susto e retrucou:

— Não precisa me acompanhar, Murilo. Eu vou até lá e procuro uma loja que venda perfume francês.

— Então é isso. Você sequer sabe onde comprar um perfume francês. Então agora, mais do nunca, faço questão de acompanhá-la. Não é possível que uma

mulher bonita e elegante como você não saiba onde vende perfume francês. E tem mais, vou fazê-la comprar um que combine com sua personalidade. Pronto, aqui está ao seu lado seu cavaleiro andante. Vou salvá-la da ignorância.

Diante da espontaneidade meio moleque de Murilo, Natália riu e se deixou levar.

Passaram pela recepção e Murilo com aquele seu jeito resolvido disse:

– Marisa, se ligarem para mim ou para Dra. Natália, diga que fomos namorar um pouco. – Deu risadas e completou. – Diga que estamos numa audiência e que voltaremos dentro de uma hora, ok? – Marisa, que já o conhecia bem, apenas balançou a cabeça em concordância.

Ao chegarem ao Müeller, Natália queria ir diretamente a tal loja onde se comprava perfume francês, já que deviam voltar para o escritório, mas Murilo, determinado, não aceitou aquela argumentação.

– Pelo que percebi doutora, a senhora nem conhece o Müeller direito. Vou ser seu cicerone e apresentar-lhe todo o shopping. – Falando isso pegou o braço dela e colocou no seu, tomando um ar empertigado.

Natália, apesar de sentir-se meio sem graça, acabou por rir e ceder aos caprichos do colega.

Estavam assim passeando pelo shopping quando se depararam com Carlos Eduardo, que parou para cumprimentá-los. Olhava Natália com certa surpresa

no olhar. Conversou rapidamente com ambos e seguiu em frente.

Natália percebeu a surpresa no olhar dele, mas não conseguiu entender se pelo fato de passear no shopping naquele horário ou então por estar de braço com Murilo.

Continuaram a andar pelo shopping até que Murilo disse:

– Lá está a loja onde vamos comprar o seu perfume e o perfume da Dra. Regina.

Entraram na loja e Murilo passou a pedir à moça que os atendia para que esborrifasse os provadores nos braços de Natália. Os cheiros se misturaram no ar e ela já não conseguia saber qual fragrância combinava com ela ou que a agradasse mais. Os odores dentro da loja eram agradabilíssimos, mas a mistura de todos eles a confundiam.

De repente Murilo disse:

– É este! Este combina com você. Ela vai levar este, moça.

– Não sei Murilo... Não tenho a certeza de que seja este o perfume certo... – Tentou se defender Natália, que confusa não sabia se era aquele o perfume que gostaria de usar.

– Muito bem, eu o dou a você. Assim você terá que usá-lo para me agradar.

– Não, não precisa se preocupar... – Natália tentou, novamente.

– Acho que você não deveria contrariar seu namorado. Afinal não é para eles que a gente se